

# HISTÓRIA DE ANGOLA



3<sup>ª</sup> classe

## LIÇÃO 1.

### A PRÉ-HISTÓRIA: OS PRIMEIROS HOMENS

Chama-se Pré-História às épocas muito antigas em que os homens desconheciam a escrita e, por isso, não nos deixaram informações escritas sobre a sua vida e a sua história.

Encontram-se sinais da sua presença, seja ao cavar o solo e descobrindo esqueletos e utensílios, seja através dos desenhos gravados nas grutas que lhes serviam de habitação. Em África foram encontrados muitos esqueletos e objectos pré-históricos em várias regiões. O continente africano era habitado, portanto, há muito tempo; mas nenhuma dessas descobertas permite saber em que época apareceu a raça negra no nosso continente.

Os historiadores (sábios que estudam a história), dividem a Pré-História em três períodos principais: a idade da pedra talhada, a idade da pedra polida e a idade dos metais (cobre, bronze e ferro).

Num primeiro período, os homens usavam utensílios de pedra grosseiros. A pedra era talhada por meio de outras pedras e com ela se faziam pontas de flechas, machados, enxadas, etc.. Os homens desse tempo eram sobretudo caçadores, vestiam-se de peles de animais, viviam em grutas (cavernas) ou cabanas de ramos e conheciam já o fogo.

Num segundo período, as armas e os utensílios de pedra eram polidos, esfregando uma pedra contra outras. Os homens começaram a cultivar a terra, a domesticar os animais e a fazer objectos de barro, de verga e tecidos. Dos ossos faziam anzóis para pescar ou agulhas para as roupas.

Finalmente, num terceiro período, os homens descobriram a maneira de fazer fundir e de trabalhar os metais (cobre, bronze, ferro): faziam com isso utensílios cada vez mais aperfeiçoados. Este período começou mais cedo para alguns povos africanos, sobretudo no Norte de África, enquanto que para outros apareceu mais tardiamente.

### RESUMO

Só conhecemos os homens dos tempos muito antigos através da descoberta no solo dos seus esqueletos, de armas e utensílios e pelos desenhos gravados nas grutas que lhes serviam

de habitação.

Os tempos pré-históricos dividem-se em três períodos principais:

- a idade da pedra talhada: os homens deste tempo eram sobretudo caçadores. Conheciam o fogo.

- a idade da pedra polida: os utensílios de pedra aperfeiçaram-se. Os homens começaram a cultivar a terra e a fazer objectos de barro, de varça e tecidos.

- a idade dos metais (cobre, bronze e ferro): os homens descobriram a maneira de fazer fundir e de trabalhar os metais para deles fazerem utensílios e armas cada vez mais aperfeiçoados.

## Lição 2.

### A HISTÓRIA: NARRATIVA DOS ACONTECIMENTOS PASSADOS

A história é a narrativa (relato) dos acontecimentos passados. Os nossos pais podem-nos contar o que se passou há 30 ou 40 anos. Os nossos avós podem-nos contar o que se passou há 50 ou 60 anos. Nos livros de história narram-se (contam-se) coisas ainda mais antigas: o que aconteceu há 500 anos, há mil anos ou mais.

Das quais se podem conhecer os factos do passado?

Conhecem-se pelos livros escritos pelos viajantes e pelos historiadores. Certas narrativas chegaram até nós pelo que os mais velhos contavam aos mais novos. Mas não são sempre exactas. Finalmente, os objectos e os monumentos (onde se encontram inscrições gravadas na pedra) que datam de tempos muito antigos dão-nos indicações sobre a vida dos homens nessas épocas.

Alguns acontecimentos históricos são bem conhecidos e podemos dar-lhes datas exactas. Para fixar (marcar) essas datas, contamos os anos a partir do nascimento de Jesus Cristo (nossa era). Diz-se por exemplo, que a civilização egípcia começou 4 mil anos antes da nossa era (antes da N.E.); que os portugueses chegaram ao Congo em 1482 da nossa era (N.E.).

Um período de cem anos chama-se um século. O primeiro século vai do ano 0 (zero) ao ano 100, o segundo século vai do ano 100 ao ano 200; o ano 649 é portanto no século VII (século 7), e ano 1482 é no século XV (século 15) e nós estamos

actualmente no século XX (século 20).

A História de África é difícil de conhecer: em muitos países, a escrita existe desde há pouco tempo e em muitas regiões falta ainda fazer escavações, para descobrir monumentos e objectos antigos.

Ainda não conhecemos totalmente a História de Angola: para algumas populações não há dados precisos e nem se possuem todos os documentos escritos sobre os acontecimentos passados. É preciso ainda muito trabalho para sabermos exactamente como viveram os nossos antepassados, como agiram os colonialistas e como lutou o Povo angolano para a sua liberdade.

### RESUMO

A História é a narrativa dos acontecimentos passados. Conhecem-se esses factos, seja pelos relatos contados de boca em boca, seja pelos livros dos historiadores e dos viajantes. A observação dos monumentos e objectos antigos dá-nos também informações preciosas.

Para marcar as datas em História, contamos os anos a partir do nascimento de Jesus Cristo (nossa era).

Um período de cem anos chama-se um século.

A História de Angola ainda não é totalmente conhecida.

### LICÇÃO 3.

#### A ANTIGUIDADE AFRICANA

A Antiguidade Africana é um período de tempo que vai de 4 000 anos antes da nossa era (antes da N.E.) até 640 depois da N.E., data em que os Árabes invadiram o Norte de África.

O primeiro país africano de que se conhece bem a História é o Egipto. Os egípcios deixaram numerosos monumentos e inscrições que nos fazem conhecer a sua civilização. Foi um Reino muito poderoso, que dominou muitos povos, fazendo deles seus escravos.

Os reis chamavam-se faraões. Os egípcios desenvolveram a agricultura e tinham um comércio muito activo (comércio de escravos, marfim, ouro, ébano, etc.).

Foram eles que inventaram a Geometria.

Fizeram grandes monumentos que eram sobretudo para guardar os corpos dos faraós mortos. Esses monumentos, chamados pirâmides, eram imensos, formados por enormes blocos de pedra colocados uns em cima dos outros. O Egito foi um reino muito importante na Antiguidade.

Outro povo que teve grande influência em África, na Antiguidade foi o Cartaginês. Cartago dominou toda a África do Norte. Excelentes navegadores, os Cartagineses desenvolveram o comércio com países longínquos: avistaram navios até ao sul de Marrocos.

Cartago também se baseava no trabalho de escravos (prisioneiros de guerra que depois ficavam a trabalhar para eles). Os cartagineses aperfeiçoaram muito a sua arte.

Estes foram dos primeiros povos que atingiram uma civilização elevada e de que há vestígios (cidades). Foram povos do Norte de África. É possível que, também no sul do continente tenha havido civilizações importantes, mas ainda não são conhecidas.

Vemos, por conseguinte, que é falsa a ideia dos colonialistas quando afirmam que os povos africanos não têm história e que eram atrasados.

O Egito e Cartago civilizaram muito antes de na Europa aparecer uma civilização que se lhes possa comparar. As civilizações africanas influenciaram mesmo os povos europeus.

### RESUMO

Na Antiguidade africana houve grandes civilizações.

Reino poderoso e bem organizado, o Egito deixou numerosos monumentos que são a prova dessa civilização brilhante. O Egito estendeu a sua influência através dum comércio activo.

Depois dos Egípcios, os cartagineses dominaram a África do Norte. Excelentes navegadores, avangaram pela costa de África, estabelecendo o comércio.

O continente africano conheceu algumas das primeiras civilizações do mundo, antes da Europa.

## LIÇÃO 4.

### OS GRANDES IMPÉRIOS AFRICANOS

O período da História Africana que se segue à Antiguidade é o período dos grandes impérios africanos (de 750 a 1482 E.C.). Vamos conhecer três grandes impérios africanos, entre muitos outros que existiram neste período. Os dois primeiros situavam-se na África Ocidental e o terceiro no Sul da África.

#### O IMPÉRIO DO GHANA

Calcula-se que, existindo provavelmente desde o século III da E.C., o império do Ghana se estendia entre o Senegal e o Niger.

Cerca do ano 1000, KUMBI, a capital, era uma grande cidade onde se encontrava o palácio do imperador, cercado das casas dos habitantes. O Ghana era um império rico, graças às suas minas de ouro. Caravanas traziam tecidos, sal e levavam para o exterior ouro, marfim e escravos.

Em 1076, os conquistadores árabes ocuparam o Ghana. O império recuperou a sua independência dez anos mais tarde, mas tinha perdido a sua potência. Acabou por cair completamente, cerca do ano 1240, debaixo dos ataques de Sundiata Keita, Imperador do Mali.

#### O IMPÉRIO DO MALI

Reino já antigo, o Mali atingiu o máximo da sua grandezza no tempo dos imperadores Sundiata Keita e Kankan Musa.

Sundiata Keita destruiu o Ghana e fundou a capital do Mali. Foi durante o seu reinado que a agricultura e a recolagem do algodão se desenvolveram extraordinariamente. Morreu em 1235. No século XIV Kankan Musa reinou no Mali durante 25 anos. Nesta altura, o reino era muito rico.

Os sucessores de Musa não conseguiram manter o poderio do império e deixaram-no progressivamente cair até à sua desparição completa no ano 1500.

#### O IMPÉRIO DE MONOMOTAPA

A meio do século XIX, descobriu-se no que é hoje a Rodésia

do Sul, em Zimbabué, um conjunto de ruínas muito bem conservadas. Os muros atingem em certos lugares, 9 metros de altura e 4 metros e meio de largura.

Num vale vizinho, existem ruínas de numerosas casas de pedra que eram provavelmente habitações. Nestas ruínas encontram-se muitos objectos variados: objectos de ouro, esculturas e vasos de pedra, armas, potes, pérolas, etc..

As ruínas de Zimbabué que são as mais importantes não são as únicas descobertas no Sul de África e construções semelhantes existem até em Angola.

Estas ruínas são vestígios duma civilização muito antiga, cujo começo se situaria no século V de n.E. Mais tarde, Zimbabué faz parte do Império de Monomotapa (que significa "senhor das minas"). Depois de ter estendido a sua influência até Angola, o império de Monomotapa desapareceu durante o século XVII.

#### RESUMO

O Império do Mali teve por existência desde o século III de n.E.. Era um império muito rico e poderoso, graças às suas minas de ouro e ao comércio de escravos e marfim.

Foi conquistado no século XIII por Sundiata Keita, imperador do Mali.

O Mali foi outro grande império da África Ocidental. Attingiu o máximo da sua potência com os reis Sundiata Keita e Moussa. Tinha uma agricultura muito desenvolvida, e a tecelagem do algodão era importante. Desapareceu em 1500.

No Sul de África, em Zimbabué, descobriram-se ruínas de muros muito altos. Neste sítio, encontraram-se numerosos objectos de ouro, esculturas e vasos de pedra, armas, potes, pérolas, etc..

Estas ruínas são vestígios duma civilização muito antiga que se desenvolveram no Império de Monomotapa e cuja influência chegou até Angola.

Este império desapareceu no século XVII.

## LIÇÃO 5.

### OS POVOS DE ANGOLA

Sabe-se muito pouco sobre as populações que habitaram Angola na Antiguidade. Antigamente, Angola não existia como país. Havia povos falando línguas diferentes, vivendo isoladamente uns dos outros ou fazendo pouco comércio entre si.

Os povos viviam em tribos. Uma tribo é um conjunto de pessoas falando a mesma língua, vivendo num espaço próprio e da mesma maneira, tendo a mesma organização.

Entre as tribos podia mesmo haver guerras, com o fim de se apoderarem das florestas boas para a caça ou dos terrenos bons para a agricultura. Nessas guerras faziam-se prisioneiros.

Os povos angolanos viviam, primeiro, no que se chama comunidade primitiva ou comunismo primitivo.

As terras eram de todos, não havia lavras individuais. Todos trabalhavam, ou na agricultura ou na caça, ou na pesca e o que se produzia era igualmente dividido por todos. Não havia ricos nem pobres. Como todos trabalhavam, ninguém vivia à custa de outra pessoa, não havia exploração do homem pelo homem.

Mais tarde, os homens começaram a domesticar os animais, a habituá-los a viverem junto deles. Os animais domésticos são o boi, o porco, as cabras, os patos e as galinhas. O homem começou pois a criar os animais. Apareceu assim a pastorícia.

Com a agricultura que se desenvolvia e a pastorícia, começou a haver muita comida. E os chefes apoderavam-se duma parte dela, ganhando assim força e não precisando mais de trabalhar. O povo trabalhava para eles. Apareceu a exploração do homem pelo homem.

Só depois disto é que se começaram a apanhar escravos para trabalharem nas lavras dos senhores ricos. Os homens ficaram separados em ricos e pobres, uns com muitas terras, outros com poucas, e outros sem nenhuma.

Estas mudanças deram-se em toda a parte e também em Angola. Mas não se conhecem as datas exactas.

Os povos que apareceram em Angola são:

- no Norte: os que falam a língua Kikongo e Kimbundu;
- no Centro: os que falam a língua Umbundu;



- a Leste: os que falam o Lunda, o Tchokue, o Luvale, o Mbunda, o Luchaze;

- a Sul: os que falam o Helelo, o Nhaneca, o humbe, o Ambó, o Kuangar, o Kaci-San e o Nganguela.

Estes povos apareceram em épocas diferentes e desenvolveram-se duma maneira diferente uns dos outros. Vamos nas próximas lições ver algumas civilizações importantes que surgiram no nosso país.

### RESUMO

Há muitos anos, Angola não existia como país. Os povos estavam reunidos em tribos.

Uma tribo é um conjunto de pessoas que falam a mesma língua, vivendo num espaço próprio e da mesma maneira, tendo a mesma organização.

Estas tribos tinham poucas relações entre elas e podiam mesmo ser inimigas.

Primeiro, vivia-se na comunidade primitiva ou comunismo primitivo. As lavras eram comuns; todos trabalhavam na agricultura, na pesca ou na caça, e o produto era igualmente dividido por todos.

Mais tarde, os chefes começaram a apoderar-se duma parte dos produtos e a explorar o trabalho dos outros. Utilizaram-se os prisioneiros de guerra como escravos. Os homens ficaram separados em ricos e pobres.

Os povos mais importantes eram os que falavam o kikongo, o kimbundu, o Umbundu, o Lunda o Tchokue, o Luvale, o Mbunda, o Luchaze, o Helelo, o Nhaneca, o Ambó, o Kuangar, o Kaci-San e o Nganguela.

Estes povos desenvolveram-se diferentemente.

### LIÇÃO 6.

#### REINOS DE ANGOLA: O DO CONGO

O Reino do Congo formou-se por volta do século XIII da R.E.

A sua capital era MBANZA KONGO, hoje chamada

S. Salvador. Foi um Reino muito importante em África.

O chefe que fundou o reino chamava-se NIMI A LUKENI. Reuniu todas as tribos que falavam Kikongo à volta de Mbanza Kongo e depois foi estendendo a sua influência.

A sua força vinha da agricultura, do artesanato, (fabrico de instrumentos de ferro, barro ou verga), da caça e da pesca. Os escravos eram utilizados nos trabalhos para os homens ricos. Havia uma moeda, o njimbo.

A população do Congo dividia-se em dois grandes grupos: o povo e os aristocratas (Mfumus e Manis). Os Manis eram os chefes de província e dependiam do rei (o Ntotila).

O reino estava dividido em seis províncias. Além destas, havia povos vizinhos que pagavam imposto ao rei do Congo. A influência deste reino estendia-se até ao actual Cabão, Congo-Brazzaville e Congo-Kinsassa e, a sul, até ao rio Cuanza.

O Congo foi perdendo o seu poder com a chegada dos portugueses e com as lutas internas que o enfraqueceram. Finalmente os portugueses ocuparam-no militarmente e o reino do Congo perdeu a sua independência.

O principal factor que levou o Congo a ser conquistado foi a vontade dos aristocratas de dominarem os outros povos angolanos. Em vez de se unirem a estes contra os colonialistas portugueses, provocavam guerras constantes. Esta divisão dos povos de Angola, por causa do tribalismo, permitiu a ocupação colonial.

#### RESUMO

O reino do Congo foi formado por volta do século XIII da N.E.. A sua capital era Mbanza Kongo.

O Congo tinha uma agricultura muito desenvolvida, artesanato, caça e pesca. A moeda era o njimbo.

A população dividia-se em dois grupos: o povo e os aristocratas (Manis). Acima dos Manis estava o rei.

O Congo foi formado por Nimi e Lukeni, que uniu todas as tribos que falavam Kikongo. O Congo estava dividido em 6 províncias e dominava muitos povos vizinhos.

O Congo perdeu o seu poder, depois da chegada dos portugueses, por causa das lutas internas que sofreu e das guerras com outros povos angolanos.

O tribalismo facilitou a conquista colonial.

## LIÇÃO 7.

### REINOS DE ANGOLA: O DO NDONGO

O Reino do Ndongo formou-se no século XIV, um século depois do Congo. A organização do Ndongo era semelhante à do Congo, mas havia nela menos propriedades individuais (privadas).

O Reino do Ndongo formou-se com migrações de povos vindos da África Central e que se instalaram na região da Namiba. O chefe destes imigrantes era ngola a Nzinga. Avançou até ao Kuanza e conquistou todas as terras quase até ao mar.

O Reino era assim limitado:

- ao Norte: pelo rio Dango e terras da Ambuíla;
- ao Sul: pelo planalto do Dã;
- a Leste: pela região da Kassanje;
- a Sudoeste: pela região da Nissama.

A capital do reino era KASSAUA.

Os reis do Ndongo tinham o título de Ngola, donde veio mais tarde o nome de Angola.

O Reino do Ndongo arreceu muito no tempo de NGOLA KILUANJA. Ele pagava tributo ao reino do Congo.

Ngola Kiluanja revoltou-se e proclamou a independência. Houve então uma batalha no Dande e Ngola Kiluanje venceu, em 1556. A partir daí, o Ndongo ficou independente.

Os portugueses, entretanto, chegaram a Angola e tentaram conquistar Ndongo, pois pensavam que aí existiam importantes minas de prata. Quem comandava o exército português era Dias de Novais, que se instalou em Luanda.

Muitas guerras se travaram então entre os invasores e os angolares. Nessas guerras distinguiram-se Ngola Kiluanje e Jinga Abandi, como veremos mais tarde.

Finalmente, enfraquecidos pelas divisões e pelo tribalismo, os angolares acabaram por ser vencidos, em 1633. Quando os vários povos da região lutavam unidos, derrotavam os portugueses. Mas logo a seguir se desuniam e eram dominados, um a um.

## RESUMO

O reino de NDONGO formou-se no século XIV, com migrações de povos chefiados por NGOLA A NZINGA.

A organização do Reino era semelhante à do Reino do Congo, mas a propriedade privada era menos desenvolvida que no Congo.

Os reis do Ndongo tinham o título de NGOLA.

NGOLA KILUANJE tornou o Ndongo independente do Reino do Congo e fê-lo crescer muito.

Mas os portugueses, aproveitando as desuniões dos angolanos, conseguiram conquistar o Reino do Ndongo definitivamente em 1633.

## LIÇÃO 8.

### REINOS DE ANGOLA: O DA LUNDA

O Reino da LUNDA formou-se fora da Angola, no princípio do século XVI. Depois estendeu a sua influência à parte leste da Angola, organizando-se em províncias chefiadas por governadores.

Os Lundas viviam da agricultura (sobretudo massango e massambala); do artesanato de ferro, cobre e tecidos; e do comércio de escravos, marfim e tecidos. A arte era muito aperfeiçoada.

A aristocracia Lunda era formada pelos MUATA.

O rei da Lunda tinha o título de MUATIÂN-VUA. Ao lado do rei havia a Lukocheka ("a mãe de todos").

Uma parte do Império era governada pelo Muatiânvua e outra, pela Lukocheka.

No século XVIII, uma parte do povo abandonou o Império e emigrou para o Ocidente, fixando-se no actual distrito do Moxico, dando origem aos Tchokue. Outros dirigiram-se mais para o Oeste ou mais para Sul, dominando os povos que aí se encontravam.

Os Tchokue foram-se fortalecendo e, em 1825, chefiados

pelo grande Muatchisengue na Tambo, invadiram e ocuparam o império Lunda. Mas, dez anos mais tarde, foram repelidos pelos imperialistas belgas. Com a ocupação belga desapareceu o Reino de Lunda.

Este Reino teve uma importância muito grande no Leste, Centro e Sul de Angola. Ele deu técnicas novas aos povos que aí viviam e desenvolveu o seu comércio. Pensa-se mesmo que muitos estados que se formaram em Angola sofreram a sua influência, organizando-se como ele.

Os Tchokue, originários da Lunda, só foram submetidos pelos colonialistas portugueses em 1920.

### RESUMO

O Reino LUNDA formou-se, fora de Angola, no princípio do século XVI. Depois, estendeu-se até à região leste de Angola.

Os lundas viviam da agricultura, artesanato e comércio.

O império era governado pelo rei (Muatiãvua) e pela Lukochaka.

Os Tchokue foram uma parte do povo Lunda, que emigrou para o actual México, aí se desenvolveu e em 1085 atacou e dominou o Império Lunda.

Os Tchokue só foram dominados pelos colonialistas portugueses em 1920.

### LIÇÃO 9.

#### REINOS DE ANGOLA: O BAILUNDO

No Planalto Central de Angola, que compreende hoje os distritos de Benguela, Huambo e Bié, formaram-se no decorrer dos séculos vários reinos de povos que falavam Umbundu. Um dos mais importantes dos Estados do Planalto foi o do Bailundo.

Diz a tradição que, nos fins do século XVII, o chefe KATIAVALA, vindo da Libala, fundou o Reino do Bailundo.

Muito povoado, teve um desenvolvimento considerável da agricultura e do artesanato. Cultivava-se o milho, o óleo de palma, extraía-se a cera e o mel, e havia uma grande indústria de ferro. O comércio também era importante. Os povos do planalto tornaram-se grandes comerciantes, sobretudo de escravos, cera e

marfim.

O Reino estava organizado em províncias e distritos. O rei (o SOMA) governava com a ajuda dos aristocratas (os MUNE). A seguir vinha o povo e depois os escravos. A propriedade das terras era colectiva, mas o produto das terras era individual.

O primeiro ataque dos colonialistas ao Bailundo data de 1645, com o fim de apanharem escravos. Depois disso, as guerras para a ocupação do planalto foram constantes. Só em 1776 o Bailundo foi vencido militarmente, mas não foi ocupado, porque para isso era necessária uma força militar que o colonialista não tinha.

Nos os estados do planalto desenvolviam-se diferentemente. O comércio progrediu muito e provocou a concorrência entre eles.

Uns Estados atacavam os outros para se apoderarem dos produtos. Isto levou a guerras que os enfraqueceram, enquanto os portugueses se infiltravam no Bailundo e investigavam essas rivalidades. O Bailundo, com Ekuikui II, conseguiu estabelecer uma aliança com o Reino do Sié e resistiu heroicamente à agressão colonialista. O Bailundo foi finalmente ocupado em 1896.

Ainda em 1902, o Bailundo revoltou-se contra a opressão colonialista, chefiado por Mutu-ia-Kavala. Com a ajuda dos missionários, os portugueses conseguiram domar a revolta em 1903.

#### RESUMO

O Reino do BAILUNDO, situado no Planalto Central de Angola, foi fundado por Katiavala, no fim do século XVII.

Havia agricultura e artesanato, mas a actividade mais importante era o comércio.

O Reino estava organizado em províncias e distritos. O rei chamava-se SOMA e os aristocratas eram conhecidos por MUNE. Depois havia o povo e os escravos.

Os colonialistas atacaram o Bailundo em 1645 mas o Bailundo só foi vencido em 1776 e não perdeu a independência. Atacado de novo resistiu heroicamente, apesar das guerras internas no Planalto, e só foi ocupado em 1896.

Mas em 1902 revoltou-se de novo.

## LIÇÃO 17.

### REINOS DE ANGOLA: O DO KUANHAMA

O Reino do KUANHAMA formou-se a partir do século XVIII, no Sul de Angola, chefiado por KAVONGEMA.

O Kuanhama era a tribo mais importante dos povos que falavam a língua ancô.

A base principal da economia era a criação de gado. Dedicavam-se também à agricultura (de massango e massambala), ao artesanato (sobretudo de ferro) e à guerrilha que lhes trazia grandes lucros. Os homens faziam a criação de gado, o artesanato de ferro e a guerra. As mulheres ocupavam-se de agricultura e da cerâmica (panelas, potes de barro, maringues).

A propriedade das terras era comunitária, mas a propriedade privada crescia, sobretudo por causa da criação de gado. Os aristocratas chamavam-se LEKA; abaixo, vinham os grandes proprietários de gado, os ferreiros e depois o povo e os escravos.

O rei chamava-se CHAMBA e governava, ajudado por um Conselho de Anciãos e ministros. O reino estava dividido em províncias governadas pelos aristocratas. A capital era NJIVA (hoje Pereira d'Água).

Uma actividade importante era a guerrilha, conduzida pelo Gadjá, para apenhar escravos e gado aos povos vizinhos. Os Kuanhama tinham uma organização militar poderosa que fazia viver em pânico todas as populações do Sul de Angola.

Os colonialistas portugueses, há muito, queriam conquistar o Kuanhama. Em 1915, os portugueses ocuparam Njiva. Mas o grande rei MANDELA organizou a resistência e venceu os colonialistas em várias batalhas. Atraído, Mandume suicidou-se em 1917 e só então o Kuanhama foi conquistado.

### RESUMO

O Reino do KUANHAMA formou-se a partir do século XVIII, por KAVONGEMA.

Os Kuanhamas dedicavam-se à criação de gado, à agricultura, ao artesanato (sobretudo de ferro) e à guerrilha para apenhar escravos e gado.

A propriedade privada era importante, por causa do gado.

O Reino estava dividido em províncias, administradas

pelos aristocratas (LENGA); o rei chamava-se OHAMBA.

Os colonialistas portugueses atacaram o Kuanhama em 1915 e só venceram em 1917, pela traição. O grande herói da resistência foi MANDUME.

## LIÇÃO 11.

### A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO REINO DO CONGO

Os portugueses queriam descobrir o caminho marítimo para a Índia, onde havia pimenta, canela e outras especiarias. Estes produtos eram vendidos muito caro na Europa e o país que conseguisse ir buscá-los seria o mais rico da Europa.

Para chegar à Índia, era preciso dar a volta à África e, por isso, os portugueses tinham de estabelecer pontos de apoio no continente africano.

Entretanto, em África, podiam obter escravos, ouro e marfim.

Foi assim que os portugueses organizaram expedições navais que iam estudando a costa de África, até que em 1482 chegaram ao rio Congo, comandados por Diogo Cão. Dois anos mais tarde, Diogo Cão voltou ao Congo, agora acompanhado de padres e comerciantes. Estabeleceu-se então um comércio entre Portugal e o Congo. Portugal trazia artigos de comércio, em particular missangas, e trocavam-nos por escravos, marfim e tecidos do Reino do Congo. Os comerciantes e padres afluíram ao Congo.

Os portugueses não tentaram dominar militarmente o Reino, pois eram demasiado fracos. A sua tática era hábil: diziam considerar os congolezes como iguais e assinavam acordos de comércio; entretanto os comerciantes e padres iam-se infiltrando no Reino, tentando ganhar influência junto do rei e dos Manis.

Alguns aristocratas acolheram bem a religião católica, que defendia a propriedade privada. Converteram-se ao catolicismo e chegaram a baptizar-se. Os missionários tornavam-se seus conselheiros, assim como os comerciantes. Estes conselheiros faziam intrigas junto dos Manis e do rei, tentando opor uns aos outros, para enfraquecer o Reino. Ao mesmo tempo, aconselhavam os reis a impôr como obrigatória a religião católica, destruindo os feitiços e proibindo a religião tradicional. Isto desenvolvia as divergências (desentendimentos) entre o rei e o povo.



Por outro lado, os Manis aumentaram as guerras aos povos vizinhos para obter escravos que eram vendidos aos portugueses. Estes enviavam os escravos para as roças de S. Tomé (uma ilha que fica perto de Angola), para Portugal e, sobretudo, para o Brasil, onde os angolanos trabalhavam nas roças de açúcar. Com o aumento das guerras, os homens tornaram-se apenas soldados e abandonavam as suas ocupações, pois o negócio de escravos era mais rendoso. O Reino começou a produzir pouco e a enfraquecer, desgastado (usado) pelas guerras constantes, onde morria muita gente.

Esta actividade dos portugueses preparava as condições para a ocupação total do Congo. Querendo apenas enriquecer, os aristocratas congolezes não se apercebiam que caminhavam para a perda da sua independência. Em vez de se unirem aos outros Estados angolanos contra os portugueses, desunião-se deles, tentando subjugá-los, para poderem vender os seus povos aos colonialistas. Foi a traição dos aristocratas congolezes que levou, mais tarde, à destruição e ocupação do Congo.

#### RESUMO

Os portugueses chegaram ao Congo em busca do caminho marítimo para a Índia.

As duas primeiras expedições (de 1482 e de 1484) foram comandadas por Diogo Cão.

Os portugueses não tentaram dominar logo o Reino militarmente. Adoptaram uma tática hábil: começaram a fazer comércio e a trazer missionários. Os padres e comerciantes tornavam-se conselheiros do rei e dos Manis e tentavam fazer intrigas. Conseguiram pôr o rei ao Fovo e aos Manis e estes entre eles.

Para vender escravos aos portugueses, os Manis faziam guerras constantes aos povos vizinhos. Os escravos iam para S. Tomé, Portugal e Brasil.

O Reino ficou enfraquecido com as guerras, o abandono do trabalho e a falta de população.

## LIÇÃO 12.

### A CHEGADA DOS PORTUGUESES AO NDONGO OU ANGOLA

Os comerciantes portugueses instalados no Congo tinham contactos com os reis do Ndongo (Ngolas). O rei de Portugal teve informações de que havia minas de prata no Ndongo e enviou dois emissários, com o fim de estabelecerem relações, sabarem onde ficavam as minas e prepararem as condições para o estabelecimento do tráfico de escravos. Os dois emissários chegaram ao Ndongo em 1520.

Entretanto, NGOLA KILUANJE soube o que os portugueses faziam no Congo e recebeu mal os dois embaixadores. Um deles voltou a Portugal, seis anos depois, e informou o rei de que as minas de prata eram em Cambambe, mas que os angolanos não queriam estabelecer relações.

Paulo Dias de Novais foi então enviado a Luanda, com uma expedição militar. Depois de se instalar em Luanda, em 1575, com cem famílias de colonos, Novais avançou para o interior. O exército português era pouco numeroso, mas tinha armas de fogo. E os povos angolanos estavam divididos.

A guerra durou muito tempo, com vitórias e derrotas para os angolanos. Estes finalmente uniram-se numa Coligação, comandada por Ngola Kiluanje, e venceram os portugueses. Mas, quando os colonialistas estavam praticamente reduzidos a Luanda, os Estados Angolanos dividiram-se em divergências, o que enfraqueceu a resistência.

Os portugueses contra-atacaram e recuperaram grande parte do terreno perdido.

Mais tarde, os povos do Ndongo uniram-se aos da Matamba e do Planalto numa grande Coligação (Aliança) comandada pela rainha JINGA M'LANDI, que derrotou os portugueses, os quais só recuperaram com o apoio do exército brasileiro.

Vemos, assim, que os colonialistas utilizaram no Ndongo uma política diferente da que tinham utilizado no Congo. Foi directamente pela força que tentaram penetrar no Ndongo. Mas o seu objectivo era o mesmo: apanhar escravos e metais preciosos, trocando-os por artigos sem valor. O colonialismo pode tomar formas diferentes, mas o seu fim é sempre o mesmo: explorar os povos.

## RESUMO

O rei de Portugal teve informações sobre a existência de minas de prata no Reino do NDONGO. Envioi dois emissários para que estabelecessem relações, soubessem onde ficavam as minas e preparassem o comércio de escravos.

NGOLA KILUANJE recebeu mal os emissários, em 1520. O rei de Portugal enviou então Paulo Dias de Novais, com um exército, o qual se instalou em Luanda e avançou para o interior.

Muitos combates foram travados entre os angolanos e os portugueses. Quando os angolanos lutavam unidos, venciam. Mas logo a seguir desfazia a unidade e os portugueses recuperavam. Nessas guerras distinguiram-se NGOLA KILUANJE e JINCA MBANDI. Socorridos pelos brasileiros, os colonialistas portugueses conseguiram dominar o Ndongo e a Matamba. Vemos que os portugueses entraram no Ndongo pela força, contrariamente ao que tinham feito no Congo; mas o fim era o mesmo: explorar os povos angolanos.

## LIÇÃO 13.

### A ESCRAVATURA

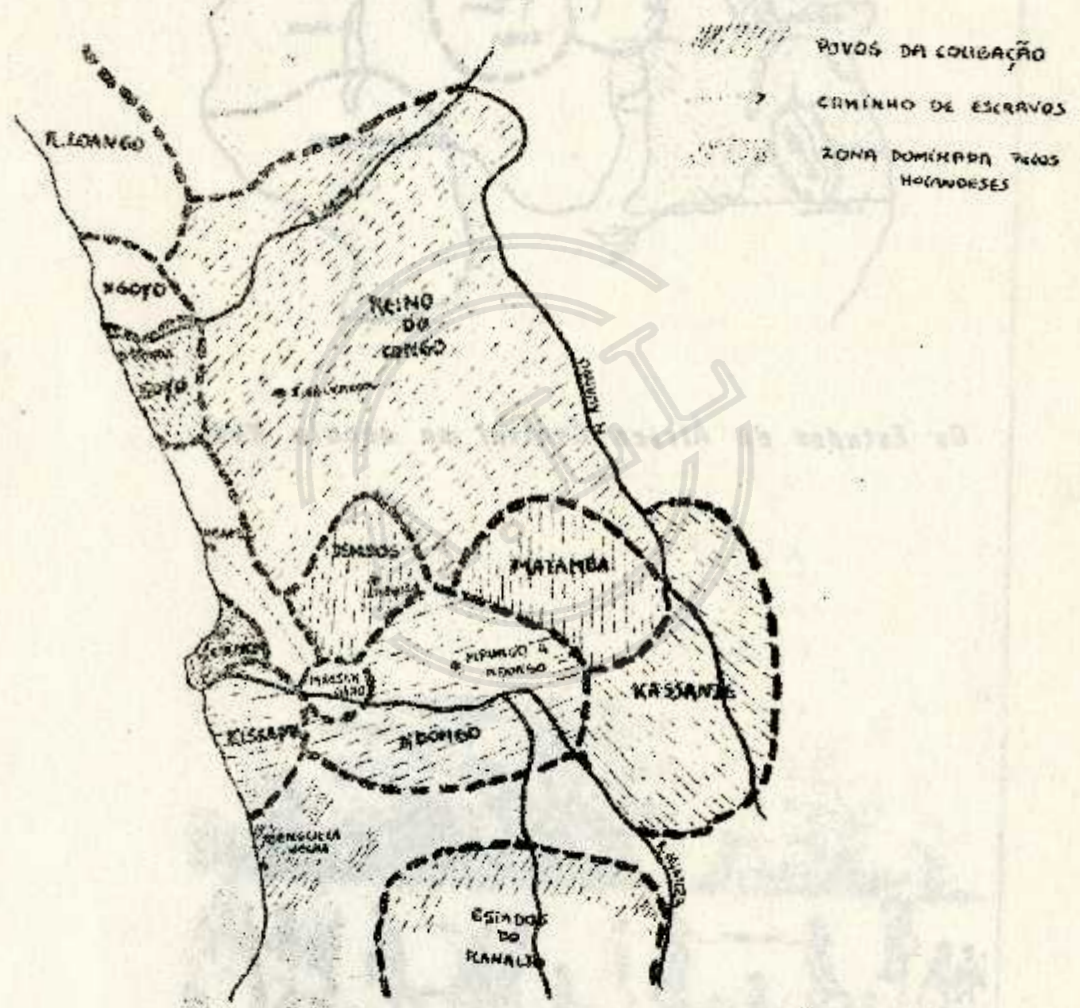
O maior negócio dos portugueses em África foi o tráfico (comércio) de escravos. Os imperialistas ingleses, franceses, espanhóis e belgas também o fizeram.

Os Estados europeus tinham descoberto a América, que é um continente situado em face do continente africano. As populações americanas eram índios. Estes não se adaptaram ao trabalho agrícola. Os europeus pensaram, pois, em utilizar os africanos como mão-de-obra (trabalhadores) nas suas plantações da América. Tornaram-se negreiros, isto é, pessoas que faziam o comércio de homens negros.

Os portugueses tinham uma grande colónia na América do Sul, o Brasil. O clima do Brasil era bom para o cultivo da cana-de-açúcar. Decidiram transportar os africanos para o Brasil.

Os africanos eram comprados pelos portugueses no Reino do Congo, no Ndongo, ou mais tarde, em Benguela. Alguns escravos eram apanhados pelos próprios portugueses. Mas a maior parte dos escravos eram comprados aos chefes ou a negreiros africanos. Os escravos eram transportados em barcos, no porão, para o Brasil. Iam tantos escravos que o espaço do porão mal chegava para se deitarem. Eram acorrentados para não fugirem. A todo o momento

# A SEGUNDA COLIGAÇÃO





*Os Estudos da África Central no século XVII*



*Caravana de Escravos*

eram chicoteados. Por isso, metade dos escravos morria pelo caminho. Antes de partir, os escravos eram baptizados à força pelos padres. A isto chamaram os colonialistas "espalhar a fé cristã".

Não podemos imaginar o sofrimento dos escravos. Eles vinham em grandes caravanas do interior até aos portos de mar, transportando cargas tremendas, agrilhoados como criminosos. O chicote era utilizado constantemente. Além da liberdade perdiam as famílias para sempre. A viagem por mar era uma tortura enorme, pelas doenças, o enjoo, a má alimentação, os maus tratos. Quando, finalmente chegavam à América, eram obrigados a trabalhar como animais, todo o dia, sem descanso, sofrendo sempre castigos brutais. E não tinham esperança de voltar à sua terra.

O regime odioso da escravatura durou séculos e custou a vida de milhões de angolanos. A população de Angola diminuiu muito, por causa das guerras de "kuata! kuata!" (para apanhar escravos), onde muitos angolanos eram mortos, por causa das vidas perdidas nas viagens e as que ficavam na América.

Os colonialistas roubaram, pois, a Angola o seu bem mais precioso, os homens. Os homens negros que hoje habitam a América são originários de África.

A escravatura só terminou em fins do século XIX.

Mas, em Angola, o trabalho escravo manteve-se sob a forma de contrato.

#### RESUMO

O maior negócio dos portugueses em África foi o tráfico de escravos. Os portugueses tinham uma colónia na América, o Brasil, onde se podia produzir muita cana-do-açúcar. Como não tinham mão-de-obra decidiram utilizar os africanos.

Os angolanos eram apanhados em guerras ou comprados aos chefes e negreiros africanos. Eram enviados para o Brasil em navios onde metade morria durante a viagem. Não podemos imaginar o sofrimento dos escravos. A escravatura durou séculos e custou a vida a milhões de angolanos. A população diminuiu. Os colonialistas roubaram a Angola o seu bem mais precioso, os homens. A escravatura só terminou em fins do século XIX.

## LIÇÃO 14.

### HERÓIS DA RESISTÊNCIA À OCUPAÇÃO: MBULA MATADI

A conquista do Reino do Congo não se fez facilmente, apesar de os portugueses terem muita força e terem utilizado uma política hábil.

Vimos que o papel dos aristocratas congolezes facilitou a ocupação. Mas o povo não queria ser subjugado pelos colonialistas e revoltou-se muitas vezes.

Algumas dessas revoltas eram provocadas pelos aristocratas rivais dos que tinham o poder, ou eram aproveitadas por eles. Outras revoltas eram provocadas directamente pelo descontentamento do povo.

A revolta de 1570 foi uma revolta popular contra a presença dos portugueses. O Povo queria obrigar o Rei a expulsar todos os portugueses e assim acabar com as suas intrigas que enfraqueciam o Reino. A revolta foi chefiada por MBULA MATADI.

Mbula Matadi conseguiu mobilizar o povo de todo o Reino contra o rei D. Álvaro I, amigo dos portugueses. Os portugueses intervieram militarmente conseguindo, depois de muitas batalhas, vencer a resistência. Mbula Matadi foi morto no último combate.

Mbula Matadi, apesar de ser um aristocrata, foi um grande revolucionário, pois soube responder às aspirações do seu Povo. Os angolanos não devem esquecê-lo.

### RESUMO

O Povo do Reino do Congo revoltou-se muitas vezes contra a presença dos colonialistas portugueses.

A revolta de 1570 foi uma revolta popular, chefiada por Mbula Matadi, um Meni, que alastrou a todo o Reino.

O rei D. Álvaro I, ajudado pelos portugueses conseguiu matar Mbula Matadi e dominar a revolta.

Mbula Matadi foi um grande revolucionário.

## LIÇÃO 15.

### HERÓIS DA RESISTÊNCIA À OCUPAÇÃO: JINGA MBANDI

Os portugueses tinham ocupado todo o Reino do Ndongo, depois da morte de Ngola Kiluanje. Ngola Mbandi, que lhe tinha sucedido, teve de se refugiar numa ilha do rio Kuanza, em 1620.

Era esta a situação quando apareceu na História de Angola a grande Jinga Mbandi, irmã de Ngola Mbandi. Jinga, que estava num reino vizinho, a Matamba, veio aconselhar o seu irmão a fazer a paz para ganhar o tempo suficiente para preparar um grande exército. Foi Jinga quem negociou a paz com os portugueses, em Luanda.

Logo a seguir, Jinga começou a viajar por todos os Estados, falando na necessidade de todos lutarem unidos contra o invasor. Jinga Mbandi tomou o poder no Ndongo e também na Matamba. O seu trabalho paciente teve frutos: formou-se em 1635 uma aliança entre os Estados do Ndongo, Matamba, Congo, Kassanje, Dembos, Kissama e os Estados do Piaualto Central. Era pois uma grande parte da actual Angola que se unia contra os colonialistas.

Foi a primeira vez, na História de Angola, que os angolanos esqueciam rivalidades tribais ou regionais, para se lançarem unidos contra o inimigo comum. A grande rainha Jinga foi pois a primeira pessoa a ter uma visão larga da luta.

Os angolanos tiveram grandes vitórias. Mas os colonos brasileiros vieram ajudar os portugueses e alguns Estados angolanos começaram a não acreditar na vitória final. Outros chefes angolanos que antes ganhavam muito dinheiro a vender escravos aos portugueses, queriam acabar com a guerra para recomeçar com o seu comércio. A aliança terminou e Jinga Mbandi continuou a luta, quase sózinha. Morreu em 1663. Pouco tempo depois, os portugueses ocupavam o Ndongo, a Matamba e os outros Estados.

No entanto, o grande sonho de Jinga não desapareceu. A sua ideia de que todos os povos de Angola deviam lutar juntos contra o colonialismo tornou-se hoje uma realidade.

#### RESUMO

O Ndongo estava na mão dos portugueses, quando JINGA MBANDI foi negociar a paz, em 1621. Entretanto, começou a percorrer os Estados angolanos, tentando uni-los todos contra os invasores.

Em 1635, o Ndongo, a Matamba, o Congo, o Kassanje,



Dembos, Kissama e Estados do Planalto uniram-se numa aliança, pela primeira vez.

Esta aliança teve grandes vitórias, mas desfez-se pela desconfiança ou interesse comercial de alguns chefes. Jinga continuou a lutar quase sôzinha, até à sua morte, em 1663.

A grande ideia de Jinga Mbandi era a de que todos os angolanos deviam lutar unidos contra o colonialismo.

## LIÇÃO 16.

### HERÓIS DA RESISTÊNCIA À OCUPAÇÃO: EKIQUI II

EKIQUI II reinou no Bailundo, a partir de 1876, e teve uma influência notável em todo o planalto.

Quando subiu ao poder, os portugueses já tinham dominado todo o litoral de Angola e preparavam-se para dominar o Planalto.

Ekiqui II resolveu preparar o seu Estado para a guerra. Deixou de fazer guerras para apanhar escravos e levou todo o povo a trabalhar. O Bailundo passou a cultivar muito milho, que ia vender em caravanas, ou no litoral ou no interior.

O Bailundo tornou-se conhecido em toda a África Central e Oriental e mesmo em Zanzibar, pela importância do seu comércio. Este facto fortaleceu o Bailundo para a guerra.

Ekiqui II estabeleceu, além disso, uma aliança sólida com Mdumuma I, rei do Bié.

Os portugueses decidiram então atacar o Bailundo e o Bié, antes que estes tivessem demasiada força e unissem todos os Estados do Planalto.

O exército português vinha armado de canhões alemães. A guerra foi violenta e longa.

Ekiqui II morreu em 1893. O seu sucessor, NUMA II, continuou a guerra. Ekiqui II foi um rei muito inteligente e grande defensor dos direitos do seu povo.

## RESUMO

EKUIKUI II foi rei do Bailundo. Resolveu preparar o seu Reino para resistir aos portugueses. O Bailundo começou a produzir muito milho e a fazer muito comércio de tal forma que se tornou conhecido em toda a África Central e Oriental.

Ekuikui II fez uma aliança com o rei do Bié e preparou-se para a guerra.

Os colonialistas decidiram atacá-lo, armados de canhões alemães.

Ekuikui II morreu e o seu sucessor, NUMA II, continuou a luta.

## LIÇÃO 17.

### HERÓIS DA RESISTÊNCIA À OCUPAÇÃO: MANDUME

Os portugueses e os alemães disputavam-se o Sul de Angola. Aproveitando essa rivalidade, Mandume, rei do Kuanhama, conseguiu comprar espingardas aos alemães, dizendo-lhes que essas armas lhe serviriam para lutar contra os portugueses.

Temendo que os alemães ocupassem o território, os portugueses atacaram Njiva de surpresa em 1915, antes que a defesa estivesse totalmente preparada. Mandume teve de fugir. Começou então a percorrer o território Ambô, tentando unir todas as tribos para a luta.

Os Ambôs, grandes guerreiros, muito bem organizados, comandados por um chefe corajoso, venceram os portugueses numa série de batalhas. Os colonialistas tiveram que mandar vir reforços. Desesperados, utilizaram a traição: corromperam alguns ajudantes de Mandume. Assim venceram as batalhas de Môngua e Mufilo.

Vendo que os Ambôs iam ser vencidos pela traição, Mandume, "o cavaleiro incomparável", suicidou-se em 1917. Ainda hoje é querido e venerado pelo povo angolano.

## RESUMO

Mandume era o rei do Kuanhama. Preparando-se para a guerra, conseguiu comprar armas aos alemães, que também disputavam o Sul de Angola.

Os portugueses ocuparam Njiva de surpresa. Mandume teve de fugir. Uniu todas as tribos Ambós e derrotou os colonialistas em várias batalhas.

A traição de alguns ajudantes de Mandume provocou algumas derrotas. Mandume suicidou-se.

Foi um grande combatente, que ainda hoje é muito querido.

## LIÇÃO 18

### QUE FACILITOU A OCUPAÇÃO COLONIAL

Havia Estados poderosos em Angola, na altura em que apareceram os portugueses. Os povos desses Estados não queriam ser dominados pelos colonialistas. Como sucedeu então que um exército fraco, como era o português, pôdesse tê-los subjogado?

A primeira lição que nos dá a história de Angola é de que, em cada um dos Estados, não havia a unidade interna suficiente. Os aristocratas que dirigiam os Estados eram exploradores e tinham interesses contrários aos do povo. Vimos, por exemplo que muitos Ndis congolenses estavam interessados no comércio de escravos com os portugueses. Por isso facilitavam a sua penetração. O povo desconfiava dos seus dirigentes e não os seguia quando era necessário. Os Estados não tinham pois a coesão (unidade) suficiente para se operem vitoriosamente aos colonialistas.

Além disso, os diferentes Estados não tinham os mesmos interesses. As classes dominantes (os aristocratas) queriam fazer guerras aos outros povos para obterem escravos. Era portanto difícil de conseguir uma união de todos os povos contra os invasores. Cada tribo considerava-se inimiga de outra e aceitava facilmente as intrigas dos comerciantes ou dos padres portugueses.

Quando as tribos se uniam, os angolanos venciam. Foi o caso dos períodos de aliança, em particular no tempo da Rainha Jinga. Mas estas alianças duravam pouco tempo, porque no fundo, os aristocratas queriam enriquecer com o comércio e, para isso, deviam ligar-se aos colonialistas.

Qual é a grande lição da história de Angola? É que um povo deve estar unido contra o inimigo comum. O tribalismo e o regionalismo ajudam os opressores, são armas dos colonialistas e dos imperialistas.

## RESUMO

Os poderosos Estados angolanos foram incapazes de resistir aos portugueses. Porquê?

Em cada um dos Estados não existia a unidade suficiente. Os aristocratas eram exploradores e não tinham os mesmos interesses do Povo.

Além disso, os Estados eram rivais e faziam-se guerra uns aos outros, por cause dos escravos. Não faziam alianças constantes contra os invasores.

Quando as triboes se uniam, os angolanos venciam.

A História da Angola ensina-nos que um povo deve estar unido contra o inimigo comum. O tribalismo e o regionalismo ajudam os opressores.

## LICÇÃO 19.

### A CONFERÊNCIA DE BERLIM

As potências europeias disputavam-se a África. Os imperialistas franceses, ingleses, alemães, belgas, espanhóis, holandeses, italianos e portugueses lutavam para aumentar as suas colónias em África. Por vezes chegavam mesmo a fazer guerras. Mas geralmente provocavam guerras entre os Estados africanos e outros imperialistas.

Para poderem pilhar as riquezas africanas sem se prejudicarem uns aos outros, os imperialistas reuniram-se na Conferência de Berlim, em 1885. Nesta Conferência partilharam a África. As diferentes potências imperialistas, sem tomarem em consideração a vontade dos Estados africanos de serem dominados pelos europeus ou não.

Assim, a França ficou com grandes territórios na África do Norte, Ocidental e Central. A Inglaterra ficou com territórios na África Oriental, Austral e Ocidental. Os belgas ficaram com o Congo. Os portugueses receberam as actuais colónias portuguesas. Os alemães obtiveram alguns territórios na África Ocidental, Oriental e do Sul.

Os imperialistas marcaram as fronteiras segundo os seus próprios interesses. Por isso muitos povos foram divididos por territórios diferentes. O antigo Reino do Congo foi dividido entre a França, a Bélgica e Portugal. Os Anjos foram partilhados

entre Portugal e a Alemanha, etc. Quer dizer que as fronteiras não correspondiam a divisões dos povos, mas apenas aos interesses dos colonialistas. Uma das resoluções da Conferência foi que as potências imperialistas tinham de ocupar militarmente as suas colónias, senão perdiam o direito a elas.

A Conferência de Berlim mostra o caracter bárbaro do colonialismo. Os europeus, donos do Mundo naquela época, decidiram sobre o destino dos outros povos, sem se importarem com a sua vontade.

### RESUMO

As potências europeias disputavam-se a África.

Para poderem pilhar a África sem se prejudicarem uns aos outros, os imperialistas fizeram uma Conferência em Berlim, em 1885.

Na Conferência de Berlim, os imperialistas dividiram a África, ficando cada um com os seus territórios. Muitos povos africanos ficaram separados por fronteiras estabelecidas de acordo com os interesses imperialistas, e não tendo em consideração a vontade dos povos africanos.

### LIÇÃO 20.

#### A EXPLORAÇÃO DE ANGOLA.

Depois da Conferência de Berlim, os Estados europeus lançaram-se mais fortemente na conquista militar.

Ao mesmo tempo, deixaram de fazer comércio de escravos e passaram a explorar directamente as riquezas africanas.

Estabeleceram-se então em Angola grandes companhias europeias e americanas. A imigração de colonos aumentou. Os colonos dedicavam-se à agricultura, ao comércio e a indústrias locais.

Os angolanos foram expulsos das melhores terras, onde os colonos passaram a cultivar o café, o algodão, o sisal, o tabaco, etc.. Estes produtos, muito procurados na Europa, fizeram enriquecer os proprietários das grandes roças, onde os angolanos trabalhavam por salários miseráveis.

As grandes companhias, tais como a Diamang, o Caminho de Ferro de Benguela e outras, começaram a explorar os diamantes, os transportes, as madeiras, o ferro, etc..

A escravatura deu lugar ao trabalho forçado ou contrato. A administração colonial obrigava os angolanos a abandonar as suas terras e famílias para irem trabalhar durante um certo tempo nas fazendas dos colonos.

Em face da colonização, foi-se formando a Nação angolana dentro das fronteiras actuais. O Povo angolano era explorado e maltratado da mesma maneira quer fosse no Norte, no Centro, no Leste ou no Sul do país. O desejo de todos os angolanos era o de expulsarem o colonialismo português. Cada vez mais, ficou claro para todos que o tribalismo e o regionalismo eram armas do inimigo e que todos se deviam unir na luta de libertação nacional.

### RESUMO

Depois da Conferência de Berlim, os Estados europeus lançaram-se na conquista militar.

Vieram para Angola muitos colonos, que se dedicavam à agricultura, ao comércio e à indústria. Os angolanos foram expulsos das boas terras.

As grandes companhias passaram a explorar as riquezas minerais, o comércio e os transportes.

Apareceu o contrato, pelo qual a administração colonial obrigava os angolanos a trabalhar nas terras dos colonos, com salários miseráveis.

Todo o Povo compreendeu que devia lutar unido contra o colonialismo. A Nação angolana foi-se formando.

### LIÇÃO 21.

#### A LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

Logo que os angolanos compreenderam que formavam um só povo, e que era necessário lutarem unidos contra o colonialismo português, começaram a formar-se as organizações nacionalistas. Uma organização nacionalista abrange todo o povo e não somente a população duma tribo, região ou raça.

As primeiras organizações foram culturais. Destas passou-se às organizações políticas clandestinas. Apareceram vários partidos no interior de Angola, como o MINA e o PLUA que, em 1956 se fundiram no Movimento Popular de Libertação de

Angola, o M.P.L.A..

O M.P.L.A. trabalhou desde então na mobilização e politização do povo angolano, preparando-o para a luta armada. A repressão policial abateu-se violentamente sobre o Povo angolano. Era preciso passar a novas formas de luta.

No dia 4 de Fevereiro de 1961, um grupo de nacionalistas dirigidos por militantes do M.P.L.A., atacou as prisões de Luanda, dando assim início à luta armada de libertação nacional. O exército colonialista respondeu com a máxima brutalidade, matando em Luanda mais de 3 000 angolanos.

Mes o exemplo dos heróis do 4 de Fevereiro fez levantar o Povo angolano contra o colonialismo português, transformando Angola numa fogueira imensa.

O M.P.L.A., guia do Povo angolano, é o grande criador da História moderna de Angola. Os seus grandes heróis, combatentes sem par, nunca serão esquecidos pelo Povo angolano. Homens como o Comandante Ferraz BOMBOKO, como o Comandante HOJI IA RENDA e como o Comandante BENEDITO, são nomes gloriosos da nossa História, lutadores destemidos pela Independência Completa de Angola.

RESUMO

O M.P.L.A. foi formado em 1956, da fusão de várias organizações nacionalistas. O seu primeiro trabalho foi o de mobilizar o Povo para a luta armada.

O 4 de Fevereiro de 1961 deu o início à luta de libertação nacional. A Revolução alastrou aos outros distritos.

O M.P.L.A., guia do Povo angolano, é o grande criador da História moderna de Angola. Os seus heróis, como Ferraz BOMBOKO, como HOJI IA RENDA e BENEDITO, são nomes gloriosos na luta pela Independência Completa de Angola.



**mpla** - dec

d12765